

pov: Sebijan Fejzula

Agora, irmãs!
Nós por nós

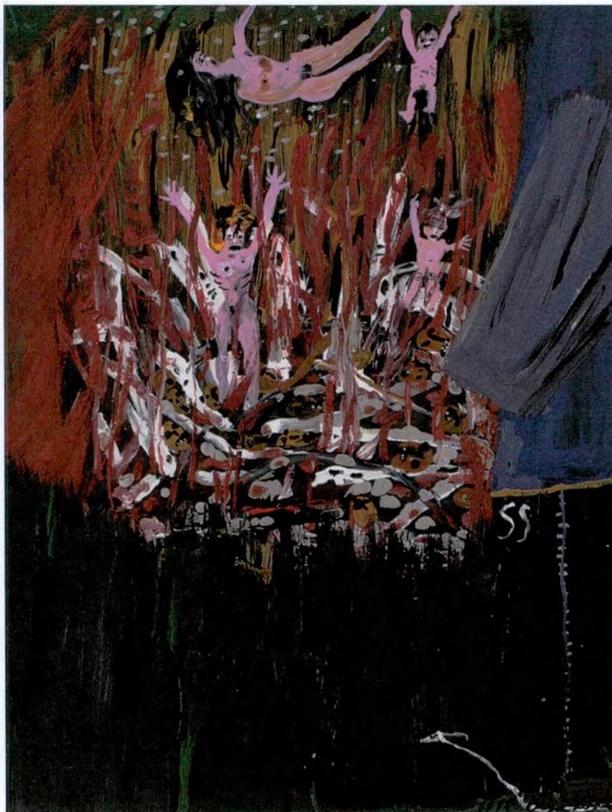
texto: HENRIQUE MACHADO DA SILVA

Sebijan Fejzula, que também responde por Sebi, é doutoranda em Direitos Humanos nas Sociedades Contemporâneas e investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Porém, o seu contributo tende a transpor os limites da academia, nomeadamente através da organização Kale Amenge – Roma for Ourselves. Antes de mais, uma mulher romani: uma mulher romani a falar-nos sobre o que é existir nessa condição. Fala-nos a respeito do carácter multidimensional das lutas que enfrenta[m] e do caminho para a emancipação coletiva, relevando a urgência de se superarem os “entendimentos cosméticos” sobre o racismo anti-roma e de se assumir, nesse sentido, uma perspetiva histórica, sistémica e interseccional.

Henrique Machado da Silva: É uma das fundadoras da organização Kale Amenge – Roma for Ourselves. Gostaria que me falasse acerca das suas origens, dos seus princípios políticos, bem como dos objetivos pelos quais se rege.

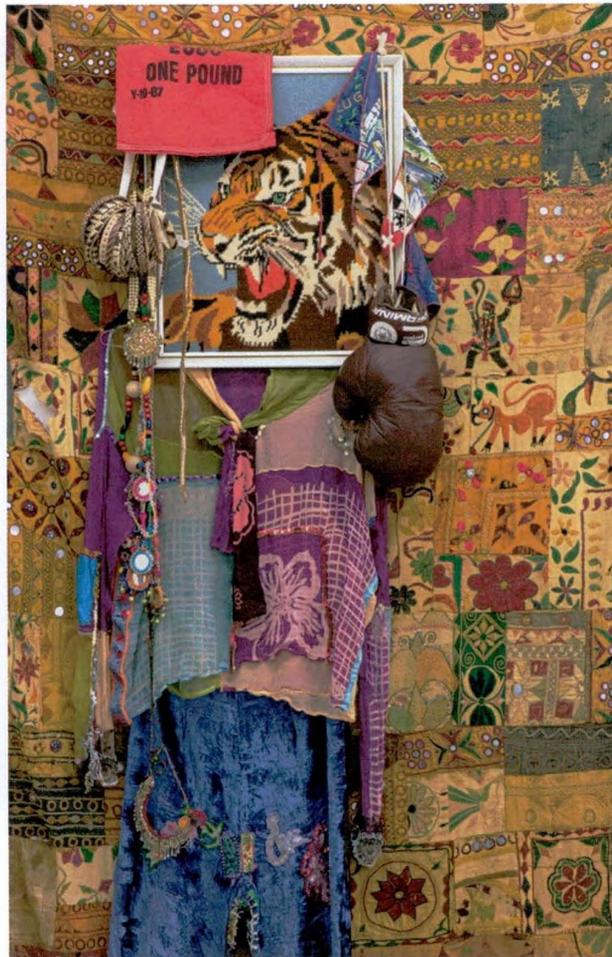
Sebijan Fejzula: Ao declararmo-nos netos/as dos antepassados roma que a Europa anti-roma não conseguiu eliminar completamente, a Kale Amenge – que, em romani, significa Roma por Nós [Roma for Ourselves] – surge como uma organização política autónoma e antirracista romani que procura contribuir para a emancipação coletiva do povo roma na Europa. A palavra-chave aqui é *emancipação* e não *integração*. Na verdade, a Kale Amenge nasceu justamente como uma reação às abordagens integradoras por parte dos estados no âmbito das chamadas “questões roma,” que têm perpassado a agenda roma desde há muitos anos, contribuindo para a despolitização da luta e eliminando qualquer possibilidade de se questionar ou destruir o sistema de relações de poder sobre os/as roma. Em primeiro lugar, partindo do próprio entendimento do problema: não existem essas tais “questões roma,” o que existe é a questão do anticiganismo, uma forma estrutural de racismo contra os/as roma. Ainda assim, há muitos anos que a definição do problema se resume às “questões roma,” transpondo a culpa para os/as roma pela situação em que se encontram e retirando qualquer responsabilidade aos estados por colocá-los/as nessa situação. Em segundo lugar, este tipo de articulação tem aberto espaço para abordagens políticas como a da “integração dos/as roma,” que não são mais do que missões estatais civilizatórias para “ensinar” os/as roma sobre como ser, sobre como existir no quadro do chamado mundo moderno. No

fundo, para nos “ensinar” sobre como ser suficientemente humanos/as. E assim o sofrimento do nosso povo gerou uma indústria de projetos orientada para os/as roma. O que temos observado nos últimos vinte anos na Europa são iniciativas maioritariamente concebidas para os/as roma, nas quais as questões da “raça” e do racismo, bem como as narrativas da violência estrutural contínua são ignoradas por completo, excluindo qualquer possibilidade de se pensar e construir iniciativas emancipatórias, quase impossíveis de se alcançar precisamente porque o mundo académico e as políticas estatais contribuíram para o processo que nos moldou enquanto *objeto de intervenções* permanente. Foi neste contexto histórico e político que a Kale Amenge nasceu: para quebrar o silêncio histórico do anticiganismo, para denunciar a ordem branca, para confrontar e descodificar o anticiganismo como uma forma institucional de racismo. Como já salientei, o conceito fundamental por detrás do nosso trabalho político é *emancipação*. É algo que ninguém pode fazer por nós senão nós próprios/as, o que nos traz ao mais importante princípio do nosso trabalho político: autonomia. Estamos absolutamente cientes de que o racismo anti-roma está profundamente arraigado em todo o tipo de instituições estatais, desde a educação até aos sistemas judiciais ou às instituições democráticas. As abordagens integradoras têm criado uma narrativa ilusória que pode fazer as pessoas acreditarem que aqui se trata de uma espécie de “falha” das sociedades democráticas – não da sua essência – e que “integrar” membros das nossas comunidades nessas instituições e nesses partidos brancos pode constituir uma forma eficaz de enfrentar o racismo. Contudo, décadas de projetos integradores e implementações políticas destes entendimentos cosméticos revelam a hipocrisia subjacente à “bem-intencionada” motivação estatal, que só tem um impacto positivo na autoperceção coletiva dos/as brancos/as e não nas condições materiais e sociais sob as quais o nosso povo está condenado a viver. É por isso que estamos empenhados/as em trabalhar autonomamente, sem colaborar com o sistema que oprime o nosso povo. Poderia pensar-se que o racismo anti-roma é apenas um produto das ideologias de extrema-direita. Tal como escrevi no âmbito de um artigo para a *ROAR Magazine, The Roma Struggle From Protests to Political Liberation*, particularmente em relação à luta contra o racismo anti-roma, ainda nos falta a solidariedade dos movimentos sociais e políticos da esquerda europeia. E então perguntamos: porque é que os/as europeus/eias brancos/as conseguem ver e denunciar a opressão em Chiapas ou na Palestina, mas não a opressão contra os/as roma que está a acontecer dentro das suas próprias comunidades? Essa é a razão pela qual temos claro que a nossa aliança é com os/as nossos/as irmãos/ãs racializados/as na luta contra a ordem branca. Convido-vos a visitar o [website da Kale](#)



(em cima)
Ceija Stojka, *SS*, 1995. Hojda and Nuna Stojka Collection.
Fotografia: Célia Pernot. Todos os direitos reservados

(à direita)
Delaine Le Bas, *A Woman With Nothing to Lose (Self Portrait)*,
1988-2018. British Council Collection. Fotografia: Alexander
Christie. Todos os direitos reservados



Amenge para conhecerem o nosso programa, que dá pelo título de *12 Points Programme: For the Political Liberation of the Roma People*.

HMS: A propósito de um artigo para a Revista *Direito e Práxis*, *The Anti-Roma Europe: Modern Ways of Disciplining the Roma Body in Urban Spaces*, aborda o que considera ser um “permanente estado de exceção” que, de uma forma ou de outra, justifica e legitima a violência sobre os corpos romani. Julgo que seria importante desenvolver esta ideia. Como se constrói a fronteira entre “humanos” e “não-humanos” no que às comunidades romani diz respeito?

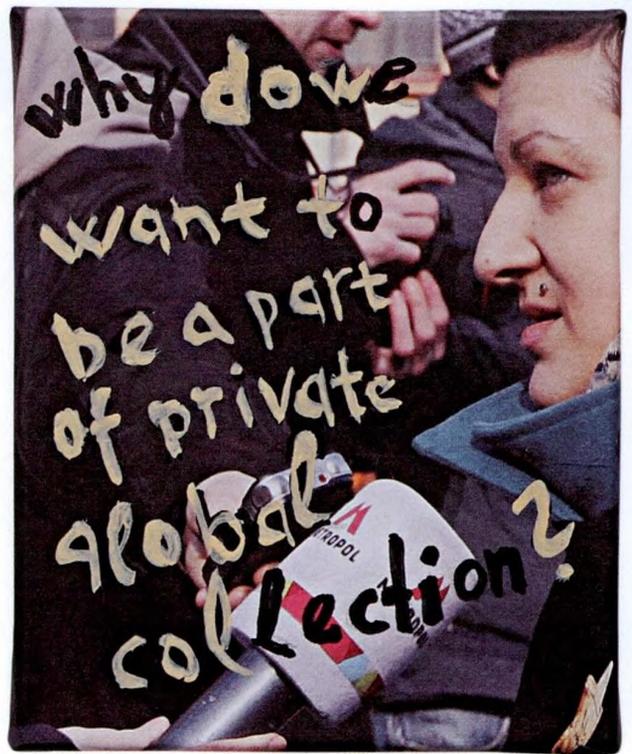
SF: Para compreendermos o racismo anti-roma, a islamofobia ou qualquer outra forma de racismo na Europa, temos primeiro de entender a formação política dos estados europeus, onde a figura normalizada, civilizada, não-diferenciada, não-racializada é a do/a homem/mulher branco/a, engendrando-se como um sinónimo de humanidade. Se olharmos para a História, o povo roma sempre foi retratado em oposição ao/à homem/mulher branco/a, pelo que automaticamente se converteu numa ameaça política à modernidade, à lei e à ordem. Tomam-

-nos sob o pressuposto do incivilizado, do racial, do não-humano. É por isso que estamos sujeitos/as a diversas intervenções institucionais com o objetivo de nos “humanizar.” Em suma, para que o/a branco/a possa considerar-se humano/a, ele/a precisa de criar o/a não-humano/a. Torna-se uma *condição/necessidade estrutural* sobre a qual a branquitude vai sendo construída e mantida. Da construção histórica do *gypsy* – uma figura elaborada e regulada pela branquitude, dado que este termo, tal como cigano/gitano, é ficcionalmente elaborado e regulado pela epistemologia branca – às abordagens políticas atuais, a ideologia subjacente permanece a mesma: civilizar o povo roma (não-humano). Durante estes processos de “civilização,” o corpo roma é sujeito a intervenções várias, essas em que a violência desempenha um papel crucial. Crê-se que a única forma de lidar com o corpo roma (des)governado é através da violência, justamente devido a narrativas baseadas na “cultura problemática do povo cigano” e/ou na suposta “criminalidade cigana.” Estas narrativas sempre estiveram presentes nas abordagens políticas e/ou nas produções académicas. Também engendraram o quadro político em que a violência pode ser – e é – justifi-



(em cima)
Selma Selman, *Superpositional Intersectionalism (Drawing 4)*, 2019-2020. Coleção Particular. Fotografia: KUK Gallery. Todos os direitos reservados

(à direita)
Tamara Moyzes, *Why Do We Want to Be a Part of Private Global Collection?*, 2017. Imago Mundi Collection. Fotografia: Marco Zanin. Todos os direitos reservados



cada com base na premissa “pelo bem deles/as [dos/as roma].” É dentro deste contexto racial que a violência anti-roma e a sua normalização se tornam uma “exceção.”

HMS: Tem desenvolvido um trabalho fortemente influenciado pela sua experiência enquanto mulher romani, que escreve “a partir da experiência do gueto roma, não [sob a perspectiva] do mainstream.” Pedia que me revelasse um pouco acerca da sua trajetória pessoal e profissional. Como é que a sua experiência de vida influi sobre o seu trabalho, nomeadamente em contexto académico?

SF: Nos últimos tempos, temo-nos deparado com muitos exemplos de narrativas sobre roma “excepcionais,” implicando sobretudo mulheres roma. Estas narrativas são geralmente criadas pelos *media* para mostrar roma “diferentes,” roma “não-tradicionais.” Por outras palavras, a mulher que não é assim tão roma de acordo com a conceção branca sobre o que significa ser uma mulher roma. Mesmo nos espaços académicos, a maior parte das vezes foi-me dito que sou uma roma “diferente.” Estas abordagens ou narrativas comportam vários objetivos. 1) Deslegitimar as nossas vozes, classificando-nos como “demasiado académicas.” Cresci em Shuto Orisari, um dos guetos roma em Skopje, na Macedónia, o único município que é oficialmente reconhecido como roma e que tem um presidente roma. Cresci lá e a minha família continua a viver lá, pelo que escrevo com base nessas minhas experiências de relação com o mundo branco. Infelizmente, se vivermos no gueto da Ameixoeira, em Lisboa, no de Shuto Orisari, em Skopje, ou no de La Mina, em Barcelona, as

experiências serão as mesmas porque a violência dentro do gueto é a mesma. Estes lugares partilham a condição de representar uma ameaça social e racial para a branquitude. As nossas experiências são as mesmas porque a violência anti-roma é a mesma. É sobre a forma como o poder branco nos interpreta, independentemente do quão educados/as sejamos. Aos olhos do poder, o meu corpo roma nunca deixará de representar uma ameaça para a ordem branca. É também por isso que não sofremos como indivíduos, mas antes como quem pertence a um grupo racializado. Ao denunciarmos a violência anti-roma, a academia branca encontrará sempre formas de deslegitimar as nossas vozes. 2) Uma mulher roma “diferente.” Trata-se de uma narrativa em torno da roma “excepcional,” aquela que poderá ser “transformada,” aquela que poderá ser “salva do comportamento bárbaro,” a roma “civilizada.” Nada mais do que uma ferramenta para os/as brancos/as demonstrarem que os seus projetos integradores são bem-sucedidos. É o que me traz a afirmar a minha luta/ os meus escritos/as minhas apresentações como partindo “da experiência do gueto roma, não [sob a perspectiva] do *mainstream*.” Embora possa partilhar o mesmo espaço físico com outros/as académicos/as brancos/as, as nossas lutas para chegar a esse espaço não são as mesmas.

HMS: No âmbito da sua dissertação de mestrado, *The Ideology Behind the Image: The Representation of Romani Women in the Contemporary Visual Media*, investigou o problema da representação mediática da mulher romani. Gostaria que me sintetizasse, dentro do possível,

as principais conclusões deste estudo. Quão profundo é o impacto das “representações estereotipadas” produzidas pelos média na percepção da mulher romani? Pode a representação mediática atuar como um instrumento de combate antirracista?

SF: Ena! Foi há imenso tempo que terminei a minha dissertação de mestrado... Como é óbvio, tenho agora um entendimento político diferente, uma vez que tenho uma formação política diferente sobre o racismo na Europa e sobre a situação das mulheres romani. Tentando ser breve: concluí que, de um modo geral, a representação mediática das mulheres e dos homens romani não é assim tão diferente, dado que o corpo roma partilha a condição de ser exotizado e romantizado. A representação das mulheres romani dá-se sempre em oposição à das mulheres brancas. No passado, tivemos algumas figuras – como Esmeralda, por exemplo – que representavam a mulher romani selvagem, a liberal, a que seduzia os homens, etc., enquanto a mulher branca era representada como a pura, a católica. Hoje em dia, confrontamo-nos com narrativas sobre a mulher romani “tradicional” que precisa de ser “salva,” figurando a mulher branca como a mulher liberta[da]. Podemos então depreender: tem sido sempre a figura [de referência] branca a ter o poder de nos definir. É por isso que sublinho a necessidade de criarmos as nossas próprias narrativas e representações, operando com base nas nossas próprias realidades e experiências. Para nos tornarmos os/as narradores/as das nossas histórias, histórias que continuam por contar, histórias de resistência contra a ordem branca.

HMS: Quando a respeito do “feminismo branco” e no sentido de fundamentar a sua crítica, elabora em torno do conceito de “patriarcado racial.” Onde é que se dá a colisão – o tal “choque” de que fala – com os movimentos feministas brancos?

SF: Para responder a essa pergunta, remeto para um poema intitulado *I Ain't Your Sister*, que publiquei já há alguns anos [nesta página]. Creio que estas palavras traduzem o “choque” com os movimentos feministas brancos. Verifica-se uma absoluta ignorância, um imenso silêncio em relação ao sofrimento que decorre do racismo estrutural anti-roma. Observa-se também uma absoluta ignorância nos debates em torno da “raça” e do racismo. Na maior parte das vezes, deparamo-nos com a síndrome do Salvador Branco: mulheres brancas que nos tentam “salvar” do chamado “patriarcado roma,” como se este fosse diferente... Temo-las em busca da nossa “libertação.” E eu respondo: a libertação das mulheres romani só será alcançada quando nos libertarmos do racismo anti-roma, de um sistema racista opressor de que muitas mulheres ainda beneficiam. É por isso que esta questão se desdobra no sentido de um debate sobre a branquitude. As narrativas de género tornaram-se uma arma política das mulhe-

res brancas contra as pessoas racializadas. Daí a ideologia racista exercida em nome da “salvação” das mulheres romani relativamente à sua própria romanipen [termo romani geralmente usado para designar a identidade ou o sentido de pertença a uma determinada cultura no seio do povo roma]. E assim os movimentos feministas brancos afiguram-se como um projeto marcado pela [ideia de] modernidade. Ouvimos muitas vezes: as mulheres romani não têm voz. A questão que realmente importa aqui é: serão as mulheres brancas capazes de nos ouvir sem nada nos impor sobre como devemos alcançar a nossa libertação? Não compreenderemos verdadeiramente a situação das mulheres romani sem percebermos a função do racismo anti-roma. Os debates que se focam apenas na questão cultural eliminam a possibilidade de se discutir a violência política produzida pelo sistema racista branco e, mais do que isso, eliminam a possibilidade de se criar qualquer projeto útil para os povos racializados. Atendendo a este contexto, digo às minhas irmãs roma e racializadas para pararem de pedir aos movimentos feministas brancos que nos integrem nas suas estruturas. Em vez disso, construamos os nossos espaços com base nos nossos saberes, nas nossas experiências situadas, [essas inevitavelmente] marcadas pela branquitude. Sempre o disse e continuarei a dizê-lo: não podemos continuar a supor que temos de rever, corrigir e transformar o que é construído contra nós. Em alternativa, dediquemos os nossos esforços à imensa tarefa de combater a branquitude; assumamos que, se queremos ser sujeitos políticos com uma agenda política própria, precisamos da nossa autonomia, uma autonomia que nunca será construída dentro desses espaços e dessas estruturas. Como mulheres racializadas, constituímo-nos em maioria e é justamente aí que a nossa força política tem de estar: [a parti] das nossas experiências, que é o que nos permitirá construir um movimento emancipatório fora da lógica da branquitude. //

—

Enquanto afirmavam a vossa “irmandade,”
A minha prima foi esterilizada à força,
E vocês “irmãs” fingiram não ver nada!
Enquanto gritavam pelos “direitos das mulheres,”
A minha mãe fugia da rusga policial,
E vocês “irmãs” em silêncio!
Enquanto afirmavam o vosso “feminismo universal,”
As balas voavam por cima da minha cabeça,
E vocês “irmãs” nada fizeram!
Enquanto vocês “irmãs” chamavam o meu marido de “opressor,”
O Estado tirou-me a minha filha,
A escola segregou o meu filho,
O sistema matou o meu pai,
O que vocês “irmãs” uma vez mais preferiram ignorar!
Agora... A irmã roma pergunta-vos “Irmãs,”
Quem é o opressor?